

Condição feminina e confinamento em *As três Marias*, de Rachel de Queiroz

Jorge Marques¹

As três Marias (2001), quarto romance publicado por Rachel de Queiroz, é o livro em que temos aprofundado o interesse da autora por questões que abordam de modo frontal a temática do feminino. Com efeito, se em *Caminho de pedras*, romance anterior da carreira de Rachel, a trajetória de Noemi (a personagem principal) possibilita o delineamento de um painel no qual condição feminina e atividade política se entrelaçam, é em *As três Marias* que a questão se amplia. Dessa maneira, cada uma das três protagonistas da referida narrativa emerge enquanto representante de caminhos possíveis no então limitadíssimo horizonte de oportunidades destinadas às mulheres na sociedade eminentemente patriarcal da primeira metade do século XX. Embora atenuando o caráter programático que dominaria seu romance anterior, *As três Marias* é coerente na trajetória literária de Rachel de Queiroz, ao fazer uso da palavra escrita com o intuito de apontar problemáticas que assolam a sociedade brasileira; por outro lado, notamos aqui um viés psicológico mais aprofundado e um destaque no tratamento da subjetivação que se empreende nas personagens. A engenharia da obra, alicerçada a partir da eleição de Maria Augusta, uma das três protagonistas, como narradora do texto, facilita, sem dúvida alguma, que se instale esse estado de coisas.

Subjaz, portanto, à narrativa de *As três Marias* um tom, ainda que cálido, de denúncia da situação social da mulher contemporânea no

¹ Doutorando em Literatura Brasileira pela UFRJ. Professor do Colégio Pedro II e do Colégio Militar do Rio de Janeiro.

momento histórico em que o livro foi produzido. Na construção ficcional que se empreende, a autora utiliza-se de um interessante recurso para caracterizar de maneira inequívoca a condição feminina: a elaboração de situações nas quais as três protagonistas encontrem-se continuamente encerradas fisicamente, o que constitui uma metáfora bastante clara do grau de limitação da mobilidade das mulheres naquele espaço e naquele momento histórico.

Não é por acaso que a primeira metade do livro é concentrada na formação das três inseparáveis amigas, internas em um colégio cuja ambientação, elaborada nas primeiras páginas do romance, caracteriza-se fundamentalmente pelo aspecto que varia entre o anêmico e o melancólico. É a frieza do ambiente escolar que apavora a personagem-narradora (Maria Augusta), de modo que ela só consegue sentir, na sua chegada àquele espaço, um desconforto apavorante, que contrasta com o aconchego e a proteção representados pela casa paterna do imaginário infantil.

A abertura de *As três Marias* também é reveladora de um aspecto que será preponderante no ideário da formação das alunas. O romance é iniciado com “o emblema azul da Virgem Maria” (2001, p. 7), imagem que será a predominante em diversos ambientes do colégio, como a exortar as jovens que por ali transitam a seguirem o modelo de virtude e bondade representado pela santa. Por conseguinte, escola e igreja, unidas, proporcionam à sociedade patriarcal a produção em série de moças bem-educadas e prendadas, diligentes do ambiente doméstico, cuja principal função será, no futuro, dar continuidade à linhagem familiar burguesa.

O ambiente de confinamento do colégio onde Maria Augusta – apelidada de Guta – e suas companheiras estudam não é impenetrável a marcadores sociais rígidos e propositalmente visíveis. Nesse sentido, a narradora denomina o ambiente escolar de “cidadela” (p. 17), a qual possuía uma geografia característica, devidamente desenhada pelo texto. É assim que, colocadas em lados opostos do terreno onde eram confinadas, as pensionistas (senhoritas burguesas) separavam-se das órfãs (moças pobres) pela observação incessante das freiras, as quais ocupavam o centro do terreno. É interessante, aliás, observar que o poderio patriarcal estabelece-se e é perpetuado através do rigor exercido pelas religiosas – mulheres enclausuradas e repressoras de outras mulheres que vivem em estado assemelhado de confinamento. Entretanto, na prisão que se impõe, para as mais pobres certamente o cotidiano do claustro é mais dolorido. Isso pode ser notado, por exemplo, em função do contraste atitudinal das

pensionistas – “ruidosas, senhoras de casa, estudando com doutores de fora, tocando piano” – e das órfãs – “quietinhas e de vista baixa, porque as regras que lhes exigiam modéstia, humildade e silêncio eram ainda mais severas do que as nossas” –. As vestes de um e de outro grupo (uniforme de seda e flanela branca para as pensionistas, em oposição a vestidos de xadrez humilde utilizados pelas órfãs) marcam visualmente as jovens que circulam pelo espaço escolar. Desse modo, mesmo que, inadvertidamente, uma transite pelo espaço destinado à outra, sua condição social será marcada pelo uniforme que se lhe impõe, marca posta sobre a pele que tatua de longe sua pobreza ou sua riqueza perante os pares confinados. Efetivamente, aliás, a demarcação dos espaços concretiza também a inviabilidade de relações de amizade entre as jovens dos dois grupos, visto que tal situação é rigidamente proibida pela administração do claustro. Nesse sentido, é clara a intenção das freiras em vetar a aproximação dos grupos, já que, uma vez realizada a coligação, a força das moças talvez adquirisse proporções assustadoras e incontroláveis.

Os modos de evasão do confinamento possíveis pelas mulheres nesse contexto transitam, via de regra, por recursos que variam entre a memória e a imaginação. A primeira, como se verá posteriormente, encontra-se eivada da segunda: com efeito, o indivíduo que recorda não é o mesmo que vivenciou os fatos passados e, nesse contexto, a tendência em tornar idealizada a reminiscência constitui perigosa e frequente prática. Em outras palavras, as jovens trazem à tona, através da memória voluntária, uma existência pré-internação que oblitera os momentos de repressão e tolhimento antes vivenciados. Sendo assim, a casa aparece, na memória-imaginação ativada no claustro, como espaço edênico. No exílio em que se encontram, as mulheres confinadas no colégio interno remontam um espaço que, na verdade, existe tão-somente no desejo de suas mentes. Se a memória é recurso ocasionalmente ativado pelas jovens enclausuradas, a imaginação em si pontua continuamente o cotidiano delas. Esta as leva a construir castelos e a sonhar com vidas idealizadas em lugares distantes. Via de regra, porém, as fantasias das jovens circulam por situações que têm a ver com o casamento e com a constituição de uma família: a mentalidade patriarcal encontra-se de tal maneira arraigada nas mulheres que elas não conseguem sequer vislumbrar uma evasão que não envolva o estabelecido pela sociedade burguesa.

Dessa maneira, tal evasão traz, em primeiro plano, a figura masculina como elemento facilitador da fuga do claustro. Seja através da memória que valoriza a casa paterna, seja através da imaginação, em que o relacionamento amoroso é visto como o modo de saída do

confinamento, efetivamente é o homem que tem a chave para a libertação do feminino. Claro é que atuam aí arquétipos do imaginário cultural, na medida em que as jovens confinadas no colégio encontram-se na posição de princesas encasteladas que, à espera de uma força masculina (pai ou amante), aguardam passivamente por um salvador que as retire do claustro.

No contexto do romance, as práticas coercitivas exercidas pelo sistema que funde religião e educação são bem-sucedidas no seu intento. O mundo róseo dos romances para moças é, em certa ocasião, rompido pela crueza da narrativa de *Sem novidades no front*. A miséria humana, “aquela guerra suja e sem poesia” (p. 25), é rejeitada pelas jovens, acostumadas a “heróis esbeltos, vestidos de azul-horizonte”. Resultado: o livro é rápida e voluntariamente abandonado pelas confinadas, que se voltam, com carga redobrada, a sonhar com as fantasias proporcionadas pelos romances para moças.

O confinado que vislumbra o mundo externo assemelha-se ao sujeito que, no mito platônico, sai da caverna para enxergar a luz do dia: choca-se com o clarão do mundo exterior. É o que acontece com a narradora de *As três Marias* em uma cena emblemática: ao visualizar, acidentalmente, a rua que circunda o colégio interno, Guta tem uma vertigem proporcionada pela explosão de vida que consegue vislumbrar através de uma nesga tampada por uma imagem de Nossa Senhora. Curioso é notar que, para enxergar o mundo, ela tem de afastar dos seus olhos a imagem religiosa para que, apenas assim, tenha acesso, ainda que passageiro, à realidade de fora do claustro:

A cidade, assim de repente, vista de uma vez e surpreendida de brusco, deu-me um choque no coração, comoveu-me tanto que as mãos me começaram a tremer e meus olhos se encheram de água. Estava ali o mundo, o povo, a vida de fora, tudo o que era interdito à minha vida de reclusa. Sentia medo e alegria, numa emoção violenta, como quem rouba e se apossa de qualquer coisa sonhada e proibida. (p. 33)

Nesse contexto, nas raras saídas do confinamento que empreendem, as personagens supervalorizam os signos mundanos que pululam na urbe: rostos, prédios, transportes, espaços adquirem um dimensionamento tal que se projetam, por meses a fio, nas mentes das jovens. A partir daí, elas se dedicarão ao ato de recordar com detalhes cada sensação experimentada, de tal forma que o prazer da lembrança chega a adquirir estatura superior à satisfação originalmente vivenciada.

Afora os estados de evasão, anteriormente explicitados, e as breves e pontuais saídas do confinamento, evidentemente é a fuga em si outra maneira de libertar-se do claustro. Raras e cercadas de escândalo e vergonha, elas representam um abalo terrível no cotidiano do colégio, causando a ira das mulheres responsáveis pelo gerenciamento da internação das pensionistas. Pior ainda é o fato de sua fuga ter sido efetuada em conjunto com um rapaz também interno do colégio de frades, o que configura um contexto pecaminoso repulsivo aos olhos das freiras. É assim que, classificada como “besta”, animalizada perante as colegas que permaneceram e se conformaram com a clausura, a aluna evadida proporciona às confinadas longos instantes de devaneio: o que lhe teria acontecido?, quais aventuras estaria vivendo com o amante?, como poderiam viabilizar a sobrevivência fora dos respectivos claustros? são indagações que perpassam as mentes das jovens enquanto observam os muros que cercam o colégio serem aumentados como forma de prevenir outras possíveis fugas, alimentadas pelo sucesso da outra.

Se a fuga constitui uma ruptura definitiva com o poder patriarcal, é o casamento a maneira viável de escapar do internato, sem que seja discriminada pelo sistema burguês. Efetivamente, alcança aí a jovem o *status* de senhora, ao mesmo tempo em que se vê livre das amarras rígidas do colégio interno. A mulher, entretanto, passa de um confinamento a outro, como é exemplificado pela personagem Jandira que, livre do confinamento onde as outras se mantinham encerradas, torna-se presa do ambiente doméstico, de sua comidinha e cotidiana prática que nunca começa nem nunca termina, em um círculo vicioso de tarefas, o que é agravado pelo fato de o marido revelar-se ao mesmo tempo displicente e déspota para com a família.

O fim da etapa escolar abre o claustro para as três Marias, que, a partir daí, seguirão caminhos diferenciados: Maria da Glória atinge o sucesso previsto pela família burguesa através da efetivação de um eventual casamento realizado com um jovem bem-posto socialmente; Maria José, definitivamente marcada pela internação, leva sua existência como se no colégio ainda estivesse e, através de um rigor ascético, conduz sua vida de professora primária; enquanto Maria Augusta, a narradora, envereda por caminhos que vislumbram a transgressão: inadaptada ao ambiente da casa paterna, que se revela muito diverso das reminiscências sonhadas por ela no confinamento, Guta aventura-se a enveredar no mundo do trabalho através da carreira de datilógrafa, ao mesmo tempo em que flerta com o amor interdito por um homem casado.

A decepção, advinda da ingenuidade da personagem, que, talvez

influenciada pelos romances açucarados que fizeram parte de sua formação, espera do possível amante uma dedicação e uma disponibilidade improváveis, leva Maria Augusta a passar uma temporada no Rio de Janeiro. Encontra aí o judeu Isaac, a quem se entrega e, ato contínuo, engravida. As passagens finais do romance, que dizem respeito ao retorno de Guta ao Nordeste e ao aborto espontâneo que sofre, levam a personagem de volta ao interior, à casa paterna. No final aberto da narrativa, podemos depreender o nebuloso futuro que espera pela jovem: deflorada, não terá direito a um casamento respeitável; inábil para com as tarefas domésticas, a ela restará sujeitar-se às ordens severas da rígida Madrinha, aquela que é descrita por Guta não como “propriamente uma mulher, mas um escoteiro” (p. 41).

Se Maria é o arquétipo do feminino ou de representações do feminino na civilização ocidental, Rachel de Queiroz elabora um texto no qual tal arquétipo é triplicado. Essa situação leva-nos, obviamente, a configurar a imagem de uma tríade mariana (de representação feminina, portanto) subvertendo a lógica cristã, na qual pontificam o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Subjaz ao romance, portanto, o simbolismo da Virgem em três representações possíveis, que correspondem a cada uma das personagens retratadas pela autora em sua narrativa: 1) Maria da Glória é a estrela brilhante e mais forte. Faz jus ao seu nome, em virtude de atingir a glorificação máxima que uma mulher podia, então, atingir na sociedade burguesa – qual seja, lograr constituir uma família (lembramos que a personagem adentra órfã ao colégio interno); 2) Maria José é a estrela que menos brilha, apagada e trêmula. Ela é, ao mesmo tempo, feminino (Maria) e masculino (José). Reflexo de tal ambivalência pode ser verificado na amizade (em alguns trechos da narrativa denominada de “namoro”) que a personagem estabelece com uma órfã do colégio interno. Aliás, não deixa de soar irônico o fato de a colega denominar-se Hosana, se levarmos em conta o aspecto carola que domina a personalidade de Maria José. Devidamente perseguida e proibida pelas freiras, a relação entre as duas se extingue; 3) Maria Augusta é a estrela do meio: serena e de luz azulada. É aquela que se arrisca a subverter os ditames patriarcais, o que a levará a seu melancólico e isolado destino final.

A narrativa de *As três Marias* encerra-se justamente tratando da metáfora das estrelas. Quando retorna à casa paterna no interior do nordeste, da plataforma do último carro do trem, Maria Augusta observa o céu e depara-se com elas:

Olho as Três-Marias, juntas, brilhando. Glória reluz, impassível, num raio seguro e azul. Maria José, pequenina, fulge, tremendo, modesta e inquieta, como sempre. E eu, ai de mim, brilho também, hei de brilhar ainda por muito tempo – e parece que a minha luz tem um fulgor molhado e ardente de olhos chorando. E nem sei quanto tempo hei de ficar ainda, sozinha e desamparada, brilhando na escuridão, até que minha luz se apague. (pp. 159-160)

Referências bibliográficas

BRUNO, Haroldo. *Rachel de Queiroz* (crítica, bibliografia, biografia, seleção de texto, iconografia). S. l.: Cátedra/INL/MEC.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA - RACHEL DE QUEIROZ. n.4. Instituto Moreira Salles: São Paulo, 1997.

MONTENEGRO, Olivio. Estudo. In: *O romance brasileiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

QUEIROZ, Rachel de. *As três Marias*. 21. ed. São Paulo: Siciliano, 1992.

_____. *Caminho de pedras*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

RÓNAI, Paulo. Estudo. In: *Revista Brasileira de Cultura*. Rio de Janeiro: MEC, out.-dez. 1971.

Resumo

Este trabalho trata do romance *As três Marias*, de Rachel de Queiroz, utilizando o viés do estudo da condição feminina relacionada ao processo de confinamento por que passam as personagens do livro, em especial a narradora, Maria Augusta. A multiplicidade de confinamentos que perpassa pelo encerramento físico no colégio e no ambiente doméstico revela quão opressora é a sociedade patriarcal nordestina da primeira metade do século passado abordada pela autora. Outrossim, delinea as consequências sofridas por aquelas que ousavam transgredir as normas sociais vigentes, rompendo, assim, o círculo de isolamento e conformismo – destino que parece ser reservado às personagens femininas naquele contexto.

Palavras-chave: literatura brasileira; autoria feminina; confinamento

Abstract

This paper aims at describing the novel *As três Marias*, by Rachel de Queiroz, under the perspective of the female condition related to the process of confinement through which the characters of the book go, especially the narrator, Maria Augusta. The multiplicity of confinements, at school or at home, reveals how oppressive the northeast patriarchal society of the first half of the last century is approached by the writer. In addition, this study highlights the consequences suffered by those who dared to transgress social norms, breaking, therefore, the circle of isolation and resignation – the destiny which seems to have been planned for the female characters in that context.

Keywords: brazilian literature; female authorship; confinement.